



## **Castelos Afroecológicos: construir diálogos na Mata Pernambucana** *Castelos Afroecológicos: field and suburb in the dialogue in the Pernambuco Forest*

CAVALCANTI, Luiza<sup>1</sup>; MAÍVYS, Tainá<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Sítio Ágatha, lua13agatha@gmail.com; <sup>2</sup> Teia dos Povos Pernambuco, tainamaivys@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território**

**Resumo:** Neste trabalho, buscaremos refletir sobre a aproximação do Sítio Ágatha com a articulação da Teia dos Povos Pernambuco e debater o que é “Afroecologia”, conceito talhado por Luiza Cavalcante. Narrado em primeira pessoa, o trabalho apresenta as ideias de Tainá Maívys, articuladora da divisão de comunicação da Teia dos Povos Pernambuco, a respeito da Afroecologia, conceito com o qual teve aproximação a partir do contato e visita ao Sítio Ágatha. O trabalho apresenta uma introdução ao conceito, debate o contexto do Sítio na região em que está inserido e reflete sobre a retomada de território de Luiza Cavalcante e sua família e sua relação com a ancestralidade. Para isso, partimos da ideia de “Castelar” criado pela historiadora Katherine Trajano, que atualiza a noção de Banzo para Castelo, tratando da maneira como refletimos o existir nesse estado moderno-colonial absorto nos entraves do capitalismo. Como resultado, apresentamos a atuação do Sítio Ágatha e da Teia dos Povos como um possível modo de viver afroecológico, que integra o trabalho e a prática na terra ao encontro com saberes ancestrais que perpassam a nossa realidade no campo ou nos espaços urbanos.

**Palavras-chave:** afroecologia; ancestralidade; terra; território; teia dos povos.

#### **Introdução**

Afroecologia, segundo o espaço virtual mantido pela Associação de educação, arte, cultura e agroecologia do Sítio Ágatha, é um conceito. Como professora de filosofia e articuladora da Teia dos Povos em Pernambuco isso me interessou. Mas o real significado só pode ser compreendido pela aproximação concreta com o território ancestral cultivado pela agricultora, ativista, militante da Teia dos Povos, Luiza Cavalcante. Continuando, o que o espaço virtual nos diz sobre o conceito é:

é um conceito adotado pelas mulheres do Sítio Ágatha, Luíza e Nzinga Cavalcante. Devido a sua ancestralidade, e por entenderem que muito do que se divulga hoje sobre agroecologia, na verdade, são práticas milenares desenvolvidas pelos indígenas e pelo povo preto de África, por isso o “afro”. (sítioagatha.org)

Para compor esse diálogo com o Congresso Brasileiro de Agroecologia pensamos em abordar, portanto, este potente conceito demonstrando a implicação científica teórico-conceitual que ele representa e como o seu significado pode contribuir para ações diretas na terra e no território, refletindo a aplicabilidade dele na vida das produtoras Luiza e Nzinga Cavalcante.

Resgatando matrizes afro-indígenas que coexistem com a dinâmica da terra e do meio ambiente percebe-se que transparecem aspectos espirituais, técnicos e



epistemológicos da vida. Isto é, no contexto de povo diaspórico, o trabalho na terra partindo destes aspectos (espirituais, técnicos, de saberes) é um hábito que se estendeu por séculos e nos acompanhou até aqui. Seja de maneira direta ou atravessada pelas implicações coloniais que constituem o estado-nação.

O componente da ancestralidade no resgate da terra, hoje território “Sítio Ágatha”, potencializou a luta da retomada, pois a conexão familiar foi expandida entre as pessoas e o meio ambiente, construindo uma relação afetiva entre os corpos afros que, em diáspora, convivem com esse meio ambiente (fauna, flora, elementos naturais) em harmonia. Mas, também, possibilita a contradição própria do sistema capitalista: pois o sítio participa de um contexto maior e os corpos afros que residem e resistem nesse espaço também. No entanto, as diferenças provocam uma contradição entre o Sítio como espaço afroecológico e as regiões circunvizinhas.

Assim, a construção de diálogos da Teia dos Povos nesta região de Mata Atlântica tomada por usinas de cana-de-açúcar, assistindo a chegada de linhas de transmissão de energia eólica e outros megaempreendimentos, encontra em seu caminho uma Jornada para articular, aproximar e construir alianças, no sentido de projetar-nos politicamente para a construção do bem viver e da justiça social, nesse espaço fortalecido por Luiza Cavalcante, e na região, desarticulada e exposta ao racismo, misoginia e outras violências estruturais.

Dessa forma, o trabalho contribui para o eixo temático “Ancestralidade, terra e território”, pois convida a pensarmos a aplicabilidade de um conceito já em prática dentro de um território estendendo-o para as regiões circunvizinhas e nacionalmente. Além disso, faremos uma análise desse histórico de luta, compreendendo como a ancestralidade está vinculada às lutas por terra e território, dessa forma, a falta de interação ou mesmo conhecimento sobre essa tecnologia priva as pessoas de uma construção autonomia e colaborativa.

Esperamos que os resultados sejam potencializadores para contribuir com essa somatória de diferentes afrocosmopercepções que fundamentam os nossos modos de vida, tanto em espaços rurais quanto urbanos permeados pela periferização e outros impactos do colonialismo e do sistema estado-nação que se construiu sem reparação aos séculos de escravidão.

## **Metodologia**

É a partir de 2006, após o período de atuação na luta com a CPT, que o Sítio Ágatha é criado, e desde então começaram as atividades socioeducativas a partir do Assentamento Chico Mendes I. Tais atividades buscaram trabalhar além dos direitos humanos e comunicação, noções de agroecologia, principalmente através de mutirões, cine-debates, e também um pré-vestibular solidário.

A permanência no campo exige luta, solidariedade e ação coletiva. O Sítio Ágatha é reconhecido pelos habitantes do Complexo Prado – topônimo adotado após a desapropriação – como um centro agroecológico, feminista e



de resistência negra na Mata Norte de Pernambuco. O Ágatha também é uma referência para os assentados/as na defesa da igualdade política e na obstrução da reconcentração fundiária no Prado. (sitioagatha.org/)

Em 2018 é que o Sítio Ágatha se constitui em um centro político de aglutinação para promoção e defesa da **afroecologia**. É fundada uma associação transdisciplinar de trabalhadoras/res para realizar atividades sustentáveis e geradoras de renda, que defendem o direito à cidade e promovem o desenvolvimento comunitário: A Associação Sítio Ágatha.

A metodologia, portanto, para a aplicação da afroecologia são essas atividades promovidas com embasamento na educação popular, economia solidária, os direitos humanos, feminismo e antirracismo.

Luiza Cavalcante continua buscando se articular com coletividades, organizações e outros territórios para criar estratégias de enfrentamento ao racismo. A base dessas articulações é a ampliação da participação de mulheres negras na produção e comercialização agrárias e nos processos deliberativos das políticas públicas.



Imagem 1: Chamada para mutirão e vivência no Sítio Ágatha

O Sítio se tornou um local de resistência, para organização de lutas, debates e fortalecimento técnico, afinal os mutirões nos ensinam como trabalhar a terra em busca de garantia de soberania alimentar, energética, entre outras coisas. Essa prática que atrela à técnica ao pensamento contrastante ao patriarcado, ao racismo, e demais mazelas coloniais, é a prática da afroecologia.



O articulador da Teia dos Povos em Pernambuco, Leonardo Amorim (estudante de geologia na UFPE / Recife) faz uma reflexão sobre esse contraste entre agroecologia e a afroecologia:

A agroecologia, por mais que seja um manejo super produtivo que integra o homem ao meio ambiente e tenha diversos avanços de produção, de medicina, entre outras coisas, eu penso que ainda é inacessível (...) Mas na afroecologia eu penso que a comunicação é mais direta, mais afetiva, como Luiza fala, tem a ver com os afetos para além daquele ser vegetal, trazendo a espiritualidade para estar presente. (Leonardo Amorim, articulador da Teia dos Povos PE)

Pensando na contribuição do conceito para a realização de ações diretas que gerem impacto nos territórios, o mesmo continua:

Eu acredito que pode contribuir para ações diretas na terra e no território porque quando a gente olha para além da produtividade, para além do que 'aquele território pode produzir', enxergamos um ser ancestral, então as práticas e as relações são outras... (...) Só o fato de você olhar para a natureza como um ser ancestral já traz um olhar com aspectos contra coloniais. (Leonardo Amorim, articulador da Teia dos povos PE)

Pensando nesse aspecto da mudança de pensamento consigo castelar mais profundamente a relação dos territórios ao redor do Sítio que hoje estão em uma situação distinta nos modos de viver e se relacionar com o meio. A desarticulação não se aplica apenas a um sentido político próprio às militância e organizações, mas ao próprio ser - ontologicamente falando. Nesse sentido, o encontro com o "eu", a reflexão existencial é um passo necessário para que a articulação afroecológica se realize.

E estamos refletindo sobre um território que, como muitos na Mata Pernambucana, estão em meio ao avanço neopentecostal, militarização, milicialização, violências de gênero, políticas municipais supremacistas que trabalham pelo apagando do nosso passado afro-índigena, avanço neoliberal a partir das usinas, fábricas, megaempreendimentos... Os inimigos são muitos a necessidade de encontrar um eixo em comum para ir além das divergências torna-se urgente.

Por isso, a Pré-Jornada de Afroecologia dos povos da mata que está em andamento organizativo na Teia dos Povos Pernambuco se tornou um passo em busca de uma ampliação efetiva da afroecologia entre os nossos: povos urbanos, rurais, dos centros, das periferias, das regiões metropolitanas e litorâneas. Sem esquecer que no Sertão e no Agreste temos bases de núcleo para o apoio, às trocas e a concretização das nossas alianças.

## Resultados e Discussão



Os resultados são parciais, pois ainda está em desenvolvimento. Quando começamos os diálogos como povos da mata pernambucana estivemos articulando em Vitória de Santo Antão e Escada, onde eu e outras pessoas habitamos. Apesar de conhecermos o Sítio através das redes sociais nunca conseguimos ir lá até esse ano, a aproximação foi afetuosa por parte de Luiza e nossas ideias encontraram um eixo, dentro das poucas divergências.

A realização da Pré-Jornada está em período de estruturação física, no trabalho com plantio de mudas, sementes, que colheremos em outubro, quando ocorrerá o encontro. Estamos mantendo encontros, vivências e diálogos nos mutirões e lançando convites para concretizar as aproximações. Além disso, trabalhamos no sentido de nos conectar virtualmente para apoiar outras atividades em outras partes da Mata em Pernambuco, e temos o intuito de abrir o diálogo sobre a afroecologia, pois percebemos que o incômodo em relação ao branqueamento de práticas ancestrais não é apenas nosso, mas outras pessoas autônomas e organizações demonstram interesse em interseccionar essas ideias. Para que o trabalho prático seja realizado livre do racismo, do machismo, das violências muitas geradas por esses processos relatados aqui.

### **Conclusões**

A comunicação de saberes via oralidade continua sendo o grande marco da humanidade, e, por isso, ouvir Luiza Cavalcante falar sobre afroecologia não poderá ser substituído por esse trabalho escrito. Mesmo assim, acreditamos que precisamos de esforços para pautar esse debate. Pensando em como várias organizações, movimentos sociais, coletivos, territórios e pessoas autônomas, estão realizando o contato com a “agroecologia” de forma desconectada destes outros debates fundamentais. Mas uma coisa não pode ser realizada sem a outra, a transição agroecológica de um território pode estar atrelado ao pensamento preto, ao trabalho popular com o feminismo e à consciência de classe.

### **Agradecimentos**

Enquanto teia dos povos em Pernambuco, gostaríamos de agradecer ao Sítio Ágatha e a Luiza Cavalcante por sua acolhida, seu afeto e todas as palavras de apoio e ideias calorosas que mantêm o coração aceso.

Mas também agradecemos aos articuladores da teia dos povos em Pernambuco, pelo trabalho empregado na luta, o enfrentamento coletivo. Avançaremos!



## Referências bibliográficas

<https://sitiogatha.org/>

Acessado dia 12 de julho de 2023

Leonardo Amorim, articulador da Teia dos Povos PE

Tainá Maívys, articuladora da Teia dos Povos PE

Luiza Cavalcante, articuladora da Teia dos Povos PE